



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

2026 – 28 de junho

520 anos da confirmação e aprovação do Tratado de Tordesilhas – 500 anos da descoberta do Rio São Francisco – 470 anos da morte de Santo Ignácio de Loyola – 410 anos da fundação do Forte do Presépio, futura Santa Maria de Belém do Grão Pará – 400 anos da travessia do Rio Uruguai pelo padre Roque Gonzalez de Santa Cruz – 350 anos da instalação do Bispado do Rio de Janeiro – 350 anos do início da fundação de Laguna, hoje SC – 330 anos da fundação da Escola de Artilharia e Arquitetura Militar em Salvador – 300 anos da fundação da Ilha do Desterro, hoje Florianópolis e de Fortaleza, CE – 250 anos da retomada da Vila de Rio Grande aos espanhóis – 230 anos do 2º Tratado de Santo Ildefonso – 220 anos do Bloqueio Continental imposto por Napoleão – 210 anos da Campanha da Cisplatina – 200 anos do falecimento da Imperatriz Dona Leopoldina – 190 anos da Proclamação da República Riograndense – 170 anos da mudança de nome da cidade de Barra do Rio Negro para Manaus – 160 anos da invasão do Paraguai pela Tríplice Aliança, Batalha de Tuiuti e morte de Antônio de Sampaio – 140 anos de falecimento de Mallet – 120 anos da reformulação das FA e da regulamentação do Serviço Militar Obrigatório – 110 anos do final da Guerra do Contestado – 80 anos da Primeira Assembleia Geral da ONU.

2026

Junho

Nº 509



**SEGUNDA
GUERRA
MUNDIAL**

**O DIA D
06 Jun 1944**

Os Paraquedistas perdidos da Normandia:

Resistência, Sacrifício e Solidariedade na Normandia de 1944

Compilado por Júlio César Hilzendeger, Presidente da AOR/2-RS

Introdução

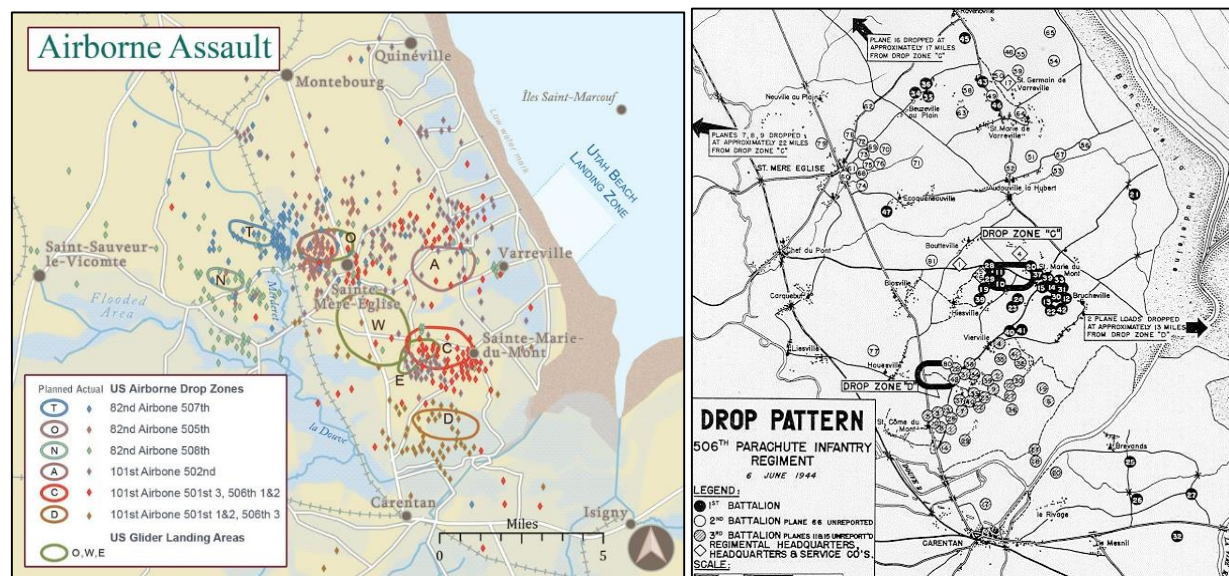
Às vésperas do 82º aniversário da Operação Overlord, 05 de junho de 2026, estou realizando a revisão final deste artigo, para trazer aos leitores do Tuiuti mais um desdobramento, pouco conhecido do DIA D. O dia 6 de junho de 1944, o Dia D, é uma página épica da história mundial. Nesta data os Aliados realizaram os desembarques anfíbios nas praias da Normandia, dando início a Libertação da França e abrindo assim o Teatro de Operações do Ocidente ou a frente Ocidental da 2ª Guerra Mundial, tão requerida por Stalin para aliviar a pressão sobre a União Soviética, pressionando a Alemanha agora em duas frentes, a leste e oeste. Na verdade, a 3ª frente, pois os Aliados já combatiam na Itália, no sul europeu, desde setembro de 1943. São inúmeros os episódios relevantes na história militar a partir de então no território europeu. Não que não tenha havido outros, como no norte da África, Tobruk, Passo de Kasserine, El Alamein, como no Frente Oriental Stalingrado e Kursk para citar alguns mais. Porém os mais detalhados, evocados, e até hoje estudados e citados são os que se desenvolveram a partir do dia 6 de junho 1944, nas praias da Normandia e de lá para o interior da França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo até a Alemanha. Entretanto, entre aqueles que se desenrolaram nas praias de Utah, Omaha, Gold, Juno e Sword, nas Vilas de Saint Mére Eglise, Saint Marie Dumond, Carentan, Bayeux e Caen, há ainda alguns tão relevantes quanto, porém pouco conhecidos até agora e um destes é o relato que proponho a apresentar, com vista a dar a conhecer e incentivar àqueles que se interessam em mergulhar na história para descortinar outros eventos pouco ou ainda não conhecidos. Este relato é baseado na obra “The Lost Paratroopers of Normandy”, de autoria de *Stephen G. Rabe*, filho de um dos personagens deste evento, o *Staff Sgt.* (Sargenteante) *Rene E. Rabe* decorrido de 6 a 16 de junho de 1944.

Contexto Histórico

Em 6 de junho de 1944 foi lançada a Operação Overlord, que ficou conhecida como o “Dia D”, a maior operação anfíbia da história militar. As divisões aerotransportadas norte-americanas, a 82ª e a 101ª Divisões Aerotransportadas — tinham a missão precursora de lançar tropas atrás das linhas alemãs para desorganizar defesas, capturar pontes e retardar contra-ataques. As condições climáticas daquele momento em 1944 na área das operações, não eram as mais favoráveis e somadas ao intenso fogo antiaéreo alemão e erros de navegação das aeronaves responsáveis pelo lançamento dos paraquedistas, provocaram a dispersão de grande número de paraquedistas lançados na noite de 5 e madrugada de 6 de junho de 1944. Além disto, os alemães já sabedores da inevitável invasão sem saber, porém, onde e quando, haviam inundado extensas zonas da península de Cotentin, os assim chamados “marais” (pântanos, charcos, alagadiços) visando assim reduzir as possíveis zonas de lançamento e canalizando as forças atacantes para zonas sob seu controle. O resultado foram muitos paraquedistas lançados longe de seus objetivos planejados. Um desses grupos acabou reunindo-se nas proximidades da pequena vila francesa, a Vila de Graignes, localizada mais ao sul da Península de Cotentin. Não há exatidão no tamanho deste grupo, mas as fontes situam entre 160 e 180 paraquedistas norte-americanos, da 82ª e 101ª Divisão Aerotransportadas, do Exército do Estados Unidos da América.

Dispersão das zonas de salto americanas — 82ª e 101ª Airborne

Estes mapas mostram como os paraquedistas foram lançados fora das zonas planejadas devido ao fogo antiaéreo e às condições meteorológicas.



Cronologia dos Eventos

6 de junho de 1944 — O salto sobre a Normandia

Na madrugada do Dia D, aeronaves C-47, Skytrain e Dakotas (nomenclatura americana e inglesa para a mesma aeronave), transportaram as tropas das divisões aerotransportadas norte-americanas em direção à França ocupada. Diversos soldados foram lançados em áreas incorretas devido às condições adversas já relatadas. Muitos homens afogaram-se nos terrenos inundados. Equipamentos e “parapacks” (mochilas, sacos e containers de equipamento) perderam-se nos pântanos. Pequenos grupos de sobreviventes começaram a reunir-se espontaneamente a partir do pouso em terra.

O grupo era formado por paraquedistas do 507º PIR - *Paratrooper Infantry Regiment* (Regimento de Infantaria Paraquedista) da 82ª *Infantry Airborne Division* (Divisão de Infantaria Aerotransportada) e do 501º PIR - *Paratrooper Infantry Regiment* (Regimento de Infantaria Paraquedista) da 101ª *Infantry Airborne Division* (Divisão de Infantaria Aerotransportada). O 507º tinha por zona de salto a DZ-T, próxima da vila de Amfreville a oeste do rio Merderet. O 501º tinha por zona de salto a DZ-C, próxima da vila de Hiersville próxima a estrada para Carentan, um importante entroncamento rodoviário entre as Praias de Utah e Omaha, para o interior da França.

O oficial de mais alta patente no grupo de paraquedistas extraviados era o **Maj Charles Johnston**, que assumiu o comando do grupo. Nascido no Condado de Knox, TN, estudou na *University of Tennessee* onde participou do ROTC, *Reserve Officer's Training Corps* (Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva do Exército norte americano). Ele era o Sub Cmt do 507º Regimento. O 2º em comando era o oficial **Cap David Brummitt**, S-3 do 507º, nascido em Excelsior Springs Missouri. O 3º em comando era o **1º Ten Francis Naughton** também do 507º Regimento, da Cia de Cmdo.

Além destes, havia mais um punhado mais de Oficiais que citaremos ao longo deste artigo. Os extraviados eram do 3º e do 2º Btl de Inf Paraquedista do 507º Regimento de Infantaria Paraquedista, e do 3º e do 1º Btl Inf Paraquedista do 501º Regimento de Infantaria Paraquedista.

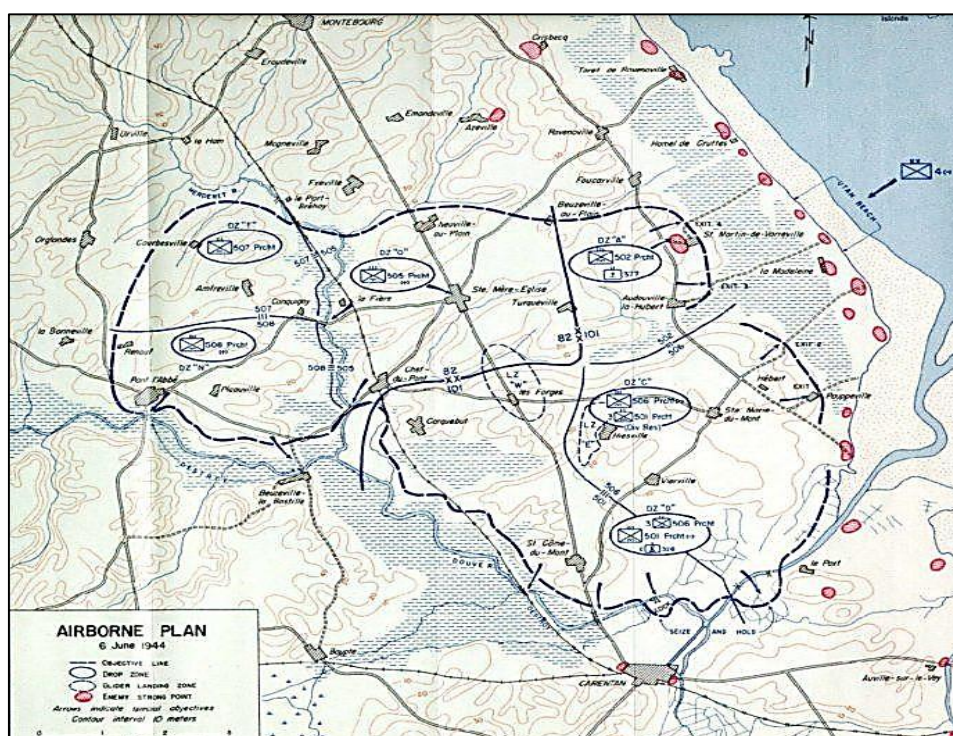
A eles, se juntaram dois pilotos de um planador do 501º Regimento que se estatelou num pântano próximo de onde se reuniam os paraquedistas extraviados. Alguns destes paraquedistas, antes de encontrarem o grande grupo reunido, foram acolhidos por civis e suas famílias, que os abrigaram, alimentaram, auxiliaram, dando-lhes roupas secas, pois muitos caíram em áreas

alagadas, e os abrigaram em seus celeiros e casas. Auxiliaram ainda no resgate dos equipamentos que caíram nos alagados; rações, munição, armas, rádios, que infelizmente não conseguiram fazer funcionar mais, e outros materiais.

Dentre estes civis a família Rigault, que terá importante papel no episódio, em especial as meninas Odette, 12 anos e Marthe, 9 anos. Após reunido o grupamento de extraviados, identificaram que próximo onde estavam havia uma Vila, a Vila de Graignes, (Graignes é uma vila medieval do século XII) vista com facilidade de onde estavam, numa elevação em relação a posição deles e para lá se dirigiram.

Estes paraquedistas haviam pousado entre 20 e 35 km de suas zonas de salto, DZ-C, para o 501º Regimento Paraquedista, e DZ-T, para o 507º Regimento Paraquedista.

Os mapas abaixo ajudam a compreender a importância geográfica de Graignes, cercada por áreas inundadas (“maais”), estradas estreitas e canais



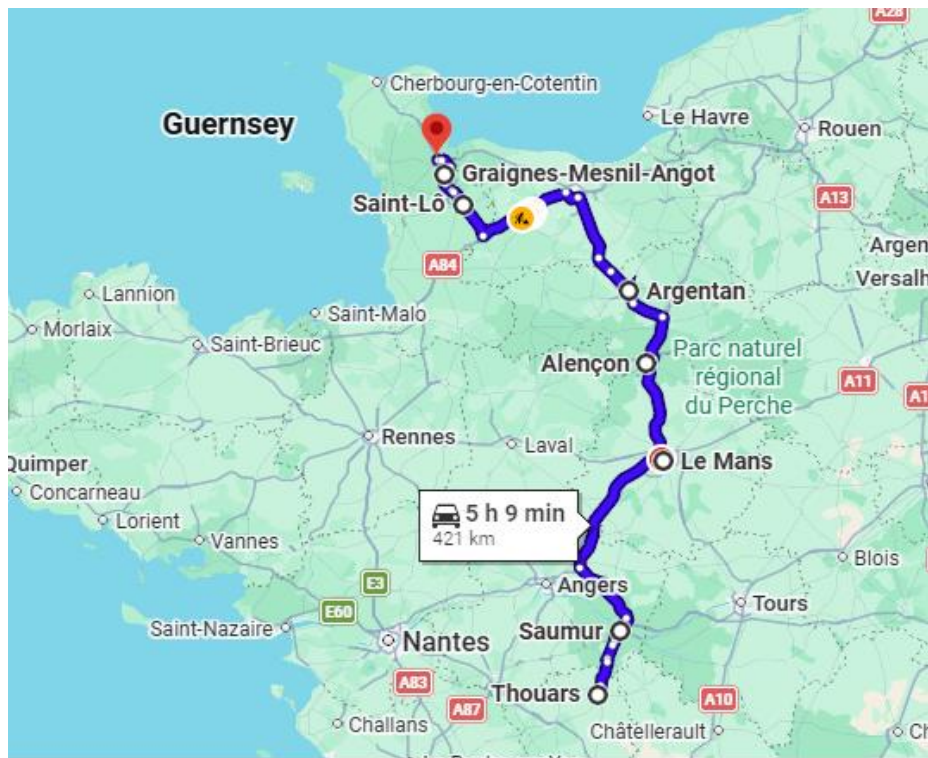
7–9 de junho de 1944 — Concentração em Graignes

Reagrupados em Graignes o Maj Johnston reuniu os oficiais para definirem as ações daquele grupamento disperso. Considerando o fato de que estavam isolados e incomunicáveis, pois os rádios de que dispunham não funcionavam, o Maj Johnston propôs o estabelecimento de uma posição defensiva ao redor de Graignes e lá aguardarem o avanço das tropas vindas das praias. Já Cap Brummitt entendia que deviam recuar em direção ao litoral buscando reintegrarem-se as tropas do desembarque, argumentando que estavam isolados, incomunicáveis e com quantidade limitada de munição, rações e armamento de apoio (metralhadoras e morteiros). Prevaleceu o proposto pelo Cmt do grupamento, Maj Johnston. Enquanto os paraquedistas tomavam a decisão de ficar na Vila, numa reunião na Igreja de Saint Michel, em Graignes, as lideranças da vila dentre elas o Prefeito, o Pároco e o líder da resistência local, por unanimidade decidiram apoiar os paraquedistas, seus libertadores. Desta forma, os paraquedistas dispersos encontraram apoio inesperado na população de Graignes, uma vila com aproximadamente 900 habitantes. O prefeito da cidade, Alphonse Voydie, juntamente com a proprietária de café Germaine Boursier, organizou rapidamente apoio logístico aos norte-americanos. Os moradores forneceram alimentos, acolheram os soldados, recolheram armas e equipamentos nos alagados; atuaram como mensageiros e observadores e improvisaram assistência médica,

pois havia estropiados devido ao salto de paraquedas. O Maj Johnston instalou o seu PC (posto de comando) na escola de meninos e junto com o Cap Brummitt definiu um plano defensivo de 360°. No campanário, na torre da Igreja, ponto dominante da Vila foi instalado o PO (posto de observação). Junto ao cemitério foi instalada a seção de Mrt 81mm com as 2 pç disponíveis. Havia ainda alguns BAR, Browning Automatic Rifles disponíveis que foram posicionados estrategicamente. O Maj Johnston e o Cap Brummitt desdobraram os paraquedistas em profundidade, em duas linhas de resistência antes de alcançar a vila. Nos acessos à vila foram colocadas as 5 pçs de metralhadoras Browning .30 disponíveis, de forma a prover fogo cruzado e de cobertura mútua; auxiliados pelos civis os paraquedistas cavaram tocas e trincheiras ao redor da vila protegendo eventuais pontos de infiltração inimiga e provendo cobertura uns aos outros. O líder da resistência local assumiu a responsabilidade por realizar patrulhas de reconhecimento e busca, visando a localizar paraquedistas ainda perdidos na região, recuperar material e equipamentos nos alagados e identificar movimentos de tropas alemãs. Até o dia 10 de junho a população de Graignes e os paraquedistas desfrutaram de uma aparente paz; os paraquedistas compartilhavam com as crianças chocolate, goma de mascar e outras guloseimas de suas rações; a vila providinha duas refeições quentes ao dia para os paraquedistas; os homens junto com os paraquedistas se revezavam nos trabalhos de preparo das posições de defesa, limpeza de campos de tiro, colocação de obstáculos para barrar o movimento e direcionar o inimigo aos campos de tiro; recuperação e limpeza das armas, organização da munição, etc. O Maj Johnston ordenou a realização de patrulhas para explorar a região e identificar a aproximação de tropas inimigas. No dia 10 de junho uma destas patrulhas emboscou e destruiu uma patrulha motorizada precursora de um dos regimentos da **17ª Divisão Panzergrenadier SS "Götz von Berlichingen"**. Esta divisão SS estava estacionada no centro-oeste da França, na região de Thouars, ao sul do rio Loire. Ainda no dia 06 de junho fora ordenado o seu deslocamento em direção a Normandia, para reforçar as tropas que combatiam a invasão aliada. A **17ª Divisão Panzergrenadier** era comandada pelo **SS-Brigadeführer** (Gen Div) Werner Ostendorff, um experimentado comandante. Estava assim estruturada: **2 Regimentos Panzergrenadier** (infantaria motorizada) **37** e **38**, cada um com 3 batalhões de infantaria, companhias de armas pesadas e companhias de apoio e antitanque. Tinha ainda um batalhão blindado, o **SS-Panzer-Abteilung 17** com Stung III e alguns Panzer IV, o Regimento de Artilharia **SS-Artillerie-Regiment 17**, com 4 grupos de artilharia, com obuses leves e pesados, e um Batalhão antitanque **SS-Panzerjäger-Abteilung 17**, com caça-tanques, incluindo canhões de 75 mm e alguns *Marder* (caça tanques) e um Batalhão **SS-Flak-Abteilung 17**, antiaéreo leve e médio. Tinha ainda um Batalhão de Reconhecimento Motorizado, **SS-Aufklärungs-Abteilung 17**, essencial para operações móveis. Um Batalhão de Engenharia de Combate, o **SS-Pionier-Abteilung 17**, um Batalhão de Comunicações, o **SS-Nachrichten-Abteilung 17**, e Intendência com o **SS-Versorgungs-Truppen**, uma tropa (grupo de suprimentos) e um Batalhão de Saúde, o **SS-Sanitäts-Abteilung 17**. Ainda assim era considerada uma divisão incompleta, em razão da falta de blindados modernos. Sua mobilidade estava limitada devido a intensa atividade das Forças Aéreas Aliadas no apoio a invasão. O seu deslocamento era realizado principalmente à noite e ainda assim sob o constante risco das ações da resistência francesa, os *"maquis"*. Isto retardou sua chegada ao TO (teatro de operações) da Normandia o que só ocorreu no dia 11 de junho. A distância a ser percorrida desde Thouars, sua área de estacionamento, até Carentan, sua área de desdobramento, era de 350 km.

Mapa da rota do deslocamento da 17ª Divisão Panzergrenadier de 6 a 12 de junho de 1944 até a Normandia (este mapa foi traçado pelo Google Maps atual)





No dia 09 de junho houve um grande alento pela liberação de Gaignes, quanto a chegada de mais tropas aliadas vindas do litoral; dois paraquedistas que haviam pousado em Omaha Beach, a aproximadamente 46 km de Gaignes chegaram à vila. Provavelmente perdidos vagaram na região até lá. No entanto, a expectativa não se confirmou, pois, a ponte que permitiria o deslocamento das tropas para o norte havia sido destruída.

11 de junho de 1944 — O ataque alemão

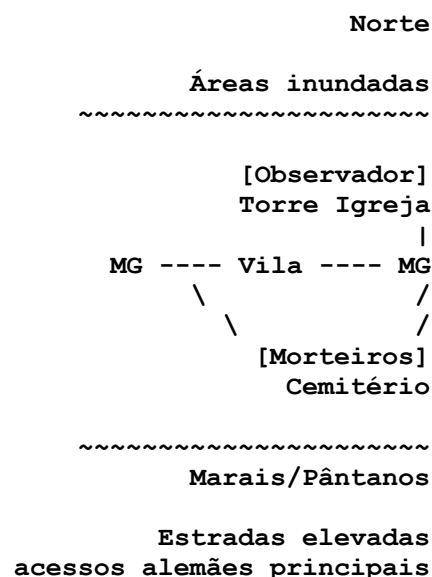
A manhã do dia 11 de junho de 1944, um domingo, o dia parecia promissor, radiante, dia de Santa Missa para uma comunidade católica. Os sinos da igreja tocaram abafando o ruído ao longe dos canhões. Apesar dos confrontos com patrulhas alemãs no dia anterior, os paraquedistas estavam relaxados, tranquilos. Na noite anterior os Oficiais do grupo aumentaram as inspeções nas posições de defesa, assegurando-se da prontidão dos homens. O Maj Johnston deu permissão para aproximadamente 40 paraquedistas participarem da missa dominical, dentre eles estavam o Ten Naughton, Sgt Benton Broussard, Sgt John Hinchcliff, T/5 (Cb Especialista) Eddie Page e o Sd Patrick Sullivan. O padre Albert Le Blastier celebrou a missa auxiliado pelo diácono Charles Le Barbanchon. Aquele dia a missa tinha uma assistência maior que o normal, talvez em razão da presença dos paraquedistas, muitos dos quais participaram da comunhão pascal. Marthe e Odette Rigault também estavam presentes à missa. Elas já tinham tomado contato com os paraquedistas, pois alguns chegaram a fazenda da família e lá foram acolhidos. Quando o souberam que havia paraquedistas na vila foram levados para se reunirem com eles por membros da família. Devido à distância do sítio da família Rigault até a vila, 3 a 4 km, o Sgt Broussard que fora acolhido pelos Rigault, destacou dois paraquedistas para escoltá-las até a igreja. Os depoimentos não são precisos, mas entre as 10hrs e 10:30hrs, uma senhora de meia idade, *“gorda, espavorida, e com os seios saltando para fora do vestido”*, irrompeu pela igreja gritando *“Depressa, depressa, os Boches (alemães) estão chegando”*. Ela estivera em uma vila próxima e observara a chegada de tropas alemãs naquela vila. Numa reação imediata os paraquedistas rapidamente deixaram a igreja para assumir suas posições. O Sgt Hinchcliff e o Sd Sullivan, correram para sua posição de metralhadora 200m abaixo da vila. O Cap Brummitt, sempre alerta, já havia percebido o barulho e movimento de tropas se aproximando de Gaignes

pelo sul. Neste momento o efetivo das tropas americanas era de 15 oficiais e 149, entre graduados e soldados. Havia naquele momento, 2 estropiados; um ferido quando do salto no Dia D e um doente, um oficial médico, Cap Abraham Sophian, e mais 5 médicos que se presume não portavam armas. Todos os demais não tinham experiência de combate, e destes um punhado não tinha sido treinado como fuzileiros. Todas as armas estavam já apontando para as principais vias de acesso. Havia ainda a disposição dois espanhóis que haviam sido trabalhadores escravos dos alemães, para dar apoio nas posições fortificadas, e alguns jovens da vila, com alguma fluência na língua inglesa, como Joseph Folliot e Charles Gosselin, que serviam de mensageiros e transportadores de munição. Estes últimos portavam armas. As mulheres apesar da proximidade dos combates, continuaram a cozinhar para alimentar as tropas e supri-las com água. Estes arranjos e cooperação dos habitantes “produziram um efeito tranquilizador na tropa”, segundo o Ten Naughton. O prefeito Alphonse Voydie e os habitantes mantinham-se em comunicação com o Cmt do grupamento, Maj Johnston. Havia ainda prisioneiros de guerra alemães ou tropas do leste europeu que desertaram das fileiras alemãs, que haviam chegado a Graignes sem ninguém saber como e ajudaram no trabalho de preparação da defesa. O destino destes após a batalha é desconhecido. O primeiro ataque a vila foi dúbio e desorganizado. Os paraquedistas abriram fogo primeiro surpreendendo a tropa atacante. O combate durou menos de 30min. Para surpresa dos defensores, os atacantes aproximaram-se pelos caminhos previstos e já cobertos pelas posições defensivas elaboradas. A seção de morteiros era dirigida pelo Ten Elmer Farnham, cujo PO era no campanário, na torre da Igreja com vista de 360° ao redor de Graignes. Os atacantes vinham em ondas humanas e o resultado segundo o Sgt Hinchcliff “foi um massacre em larga escala”. Neste primeiro combate, os paraquedistas não sofreram baixas, mas infligiram pesadas baixas aos atacantes. Os paroquianos ficaram abrigados na nave da igreja, mas tão logo cessou o combate, o Maj Johnston recomendou ao Padre Le Blastier que os paroquianos permanecessem na segurança da igreja. A maioria ficou na igreja até o final da tarde e lá rezaram o terço e relembrou as profecias da Virgem Maria aos pastores em Fátima, Portugal, sobre uma guerra terrível pior que a 1ª guerra. Alguns, porém, se aventuraram e saíram da igreja para suas casas e foram imediatamente apanhados a força pelos alemães para carregar seus mortos e feridos em carrinhos, “carros de mão”, até a retaguarda alemã. Durante a calma Sgt Major (Subten) Salewski, avançou na terra de ninguém até o corpo de um soldado alemão morto, um ciclista, mas não havia nenhuma identificação. O Maj Johnston e Cap Brummitt inspecionaram e reorganizaram as posições defensivas para um novo combate. As tropas alemãs que participaram do 1º ataque, não foram até os dias de hoje precisamente identificadas como pertencentes a 17ª Divisão. Registros das transmissões alemãs dão conta que o primeiro ataque foi executado pelo “*Ostbattalion*” ou Batalhão do Leste, que não pertencia a 17ª *Panzergranadier* e estava desdobrado na Vila Les Veys, a 10km de Graignes. Por volta das 12:30hrs o posto avançado nº 3 da defesa de Graignes, abriu fogo sobre um *Schwinnwagen* (jipe anfíbio) matando um e ferindo outros dois tripulantes. Do campanário da igreja, os paraquedistas divisaram 12 caminhões com fuzileiros que sumiram da vista. Quando reapareceram estavam vazios, deduzindo eles que haviam desembarcado a infantaria para novo ataque. Por volta da 14:00hrs iniciou o 2º ataque, desta vez de forma mais convencional: fogo preparatório de morteiro, imediatamente respondido pela seção de morteiros dos paraquedistas, neutralizando uma das posições de morteiro dos alemães. Os paraquedistas da peça de morteiro que neutralizou a posição de morteiro alemã, recebeu posteriormente promoção, em combate para o posto imediatamente superior, quando retornaram em segurança às linhas americanas, no QG da 82ª Divisão Aerotransportada. O ataque iniciado à tarde, foi executado pelo 1º Batalhão do Regimento 37. Duas, de suas três companhias, engajaram os paraquedistas, numa força total entre 500 e 600 fuzileiros. De acordo com registros das transmissões do Regimento 37 ao QG Divisional posteriormente obtidos, informavam que o 1º Batalhão inicialmente relatou “fraca resistência de aproximadamente 60 paraquedistas e que o combate seria breve”. Ao final, as transmissões são bem pessimistas e relatam que os paraquedistas haviam repellido o ataque da tarde e que a sua força era de “uma companhia de fuzileiros”. Esta força pelo padrão alemão montava entre 200 e 300 combatentes. Acreditavam ainda, que os paraquedistas dispunham de 1 ou 2 morteiros e 10 ou 12 metralhadoras.

Estas estimativas são atribuídas à feroz resistência dos paraquedistas ao 2º ataque. Apesar de mais organizados que no primeiro ataque, os alemães sofreram novamente pesadas baixas. Os paraquedistas sobreviventes atribuíram estas baixas, a inexperiência da tropa; “eram muito jovens e avançavam sem cobertura”. Segundo o *Cmt* (comandante) de uma peça de metralhadora “*era o sonho de qualquer atirador de metralhadora; eles vinham direto para nós; eu mantinha o gatilho pressionado e os via cair a nossa frente*”. Os alemães atacaram na proporção de 4 para 1 e quase conseguiram romper o perímetro de defesa, mas os paraquedistas conseguiram manter o perímetro. O combate cessou por volta das 19:00hrs. Imediatamente o Cap Brummitt reorganizou as posições de defesa. Dois postos avançados foram recuados 180m. O Maj Johnston ordenou redistribuir munição as posições e recomendou ao padre Le Blastier que os paroquianos abrigados na igreja aproveitassem a calma para retornarem às suas casas, pois ele não teria munição suficiente para sustentar a luta à noite. Neste combate, os paraquedistas sofreram baixas; havia mortos e feridos. Com autorização do padre Le Blastier, o Cap Sophian e sua equipe médica montaram uma enfermaria na sacristia da Igreja e para lá foram recolhidos os feridos. Além do padre Le Blastier, do diácono irmão Le Barbanchon, duas paroquianas ajudantes da igreja juntaram-se para assistir aos feridos; Madame Eugénie Dujardin e Madeleine Pezeril. As irmãs Odette e Marthe Rigault decidiram voltar para casa e foram recomendadas pelo Maj Johnston, para não relatarem nada das posições em Graignes, caso encontrassem os alemães no caminho para casa. Os paraquedistas ainda as orientaram como contornar minas, caso encontrassem algumas. No caminho elas encontraram Isidore Folliot que estava guiando tropas alemãs que fugiam de Carentan para longe de Graignes. Em Graignes reunido com seus Oficiais no Café da vila, o Maj Johnston comunicou que continuariam a luta apesar da pouca munição. Cap Brummitt consciente da crítica situação em que se encontravam, entendia ser o momento de se retirarem da vila, mas para preservar a hierarquia, ele não argumentou como havia feito em 6 de junho. Os paraquedistas não admitiam a retirada e abandonar os civis que haviam arriscado tudo para salvar suas vidas. O combate recomeçou com força por volta das 20:00hrs. Os registros deste 3º e derradeiro ataque na noite de domingo, 11 de junho e madrugada de segunda-feira, 12 de junho de 1944, não são uniformes, e isto se atribui ao stress e pressões do combate pelos sobreviventes e testemunhas oculares. O ataque recomeçou com bombardeio de morteiros do leste e do sul. Os paraquedistas recuaram então seus postos avançados para ainda mais próximos de Graignes. Os alemães desdobraram neste ataque todo o 1º batalhão do Regimento 37, mais de 900 homens, na proporção de 6 para 1. Os alemães o reforçaram ainda o 1º Batalhão com Artilharia, do Regimento de Artilharia, comandado pelo *SS Sturmbannführer* (Major) Otto Binge, um veterano da 1ª Guerra. Os paraquedistas ouviam a distância o barulho dos equipamentos pesados em deslocamento, que foram posicionados a poucos km ao sul de Graignes, além do alcance dos morteiros 81mm dos paraquedistas. Foram desdobradas duas peças de 88mm e podem ter sido desdobradas também howitzers de 105mm, que eram parte do material orgânico dos regimentos de artilharia alemã. Além da vila, o alvo óbvio desta artilharia era o campanário da igreja, de onde o Ten Elmer Farnham dirigira o preciso fogo dos morteiros dos paraquedistas nos combates anteriores. Com a visão da Artilharia a distância, outro oficial do grupo, o Ten Reed, correu ao campanário e tentou dissuadir o Ten Farnham e outro observador a abandonarem a posição, devido ao perigo eminente da artilharia inimiga. O Ten Farnham rejeitou o pedido e pouco tempo depois, o Ten Reed observou o campanário ser obliterado, matando o Ten Farnham e seu ajudante. Mais tarde, naquela noite, o fogo da artilharia alemã obliterou a escola de meninos onde estava localizado o PC do Maj Johnston, que foi soterrado com outros oficiais que ali estavam presumindo-se então, os paraquedistas, que o Maj Johnston havia sido morto. Os civis estavam aterrorizados pelo “infernado e inesquecível barulho”, da artilharia. Não houve morte de civis pelo fogo de artilharia, mas alguns foram feridos por estilhaços. As granadas alto explosivas da artilharia começaram a causar inúmeras baixas nos paraquedistas e, a cada explosão, 2 ou 3 eram mortos ou gravemente feridos. Apesar do fogo de barragem da artilharia, os paraquedistas mantiveram-se firmes e opuseram ainda feroz resistência. Os alemães armados com metralhadoras (*Schmeissers*) e pistolas automáticas tão logo começaram a romper o

perímetro das defesas dos paraquedistas, atiravam indiscriminadamente na noite. Estes revidavam por detrás das lapides do cemitério, ou ainda, ficavam no fundo de suas tocas e após os soldados alemães passarem, levantavam-se e atiravam por trás na tropa inimiga. Entretanto, a pouca munição tornou a resistência fútil. As 23:00hrs Gustave Rigault, pai de Odette e Marthe Rigault, observando a noite de sua fazenda, luzes sinalizadoras vermelhas no céu. Como veterano da 1ª Guerra, compreendeu que os alemães estavam derrotando os paraquedistas. Com a posição tornando-se insustentável, iniciou-se a retirada.

À direita: Diagrama Simplificado da Defesa



11–12 de junho de 1944 — A retirada e o massacre

No início da madrugada do dia 12 de junho, como um enxame, os alemães começaram a ocupar a vila. O Ten Naughton, liderando um grupo de aproximadamente 23 soldados rumou para o norte. Os combatentes da seção de morteiros, escaparam em pequenos grupos ou até individualmente. O Cap Brummitt ordenou a retirada de todos, próximos ou que pudessem ser encontrados, pelos meios que tivessem e buscassem as linhas amigas, Carentan ou Saint Meré Eglise. Ao amanhecer do dia 12 de junho, segunda-feira, um grupo de paraquedistas liderado pelo Cap Brummitt encontrou dois outros grupos de paraquedistas; um grupo liderado pelo Ten Naughton, e outro grupo liderado pelo Ten Reed. O Cap Brummitt então reuniu seu grupo e os dois outros grupos e assumiu o comando. Eram aproximadamente 87 paraquedistas e dois espanhóis amigos. Enquanto os paraquedistas buscavam retornar às linhas amigas, a Vila De Graignes era palco da vingança das tropas SS alemãs do 1º Batalhão do Regimento 37. Dos 19 feridos na sacristia, os 5 mais graves foram mortos com crueldade e os demais removidos e levados para outra vila próxima, onde conforme relatos de testemunhas foram mortos pelas costas com tiros na nuca. O padre Le Blastier foi morto com crueldade, enquanto o diácono Irmão Barbranchon e as duas mulheres ajudantes foram mortos a tiros. O Cap Médico Sophian após se render acenando uma bandeira branca em frente da igreja, foi aprisionado e levado para uma unidade alemã em Tribhou. Lá foi interrogado, torturado e depois fuzilado. O Maj Johnston tem registros divergentes de sua morte, porém o mais coerente diz ter ele sido retirado dos escombros da escola pelos alemães, vivo e executado junto com o Cap Sophian. Em Graignes as tropas alemãs saquearam a vila de tudo que puderam. Intimidaram a população na praça frente a ameaça de execução em massa, para que denunciasses os que haviam colaborado com os paraquedistas. Não conseguiram nenhuma denúncia. Ao final da tarde do 12 de junho as tropas alemãs se retiraram de Graignes na direção da vila de Méautis, em preparação para um ataque a Carentan.

12–16 de junho de 1944 — Fuga e sobrevivência

Após a destruição de Graignes, cerca de 110 paraquedistas conseguiram retornar às linhas aliadas graças ao auxílio contínuo dos moradores locais. O maior grupo, liderado pelo Cap Brummitt, utilizando pequenas balsas improvisadas, navegaram através de riachos e canais de irrigação, alcançando as linhas inimigas no dia 13 de junho, quando encontraram uma unidade de reconhecimento da 2ª Divisão Blindada norte americana, que se deslocava para Carentan em reforço a 101ª Divisão Aerotransportada, que lutava para manter aquela cidade. Um evento dramático durante a retirada foi o ocorrido na fazenda da família Rigault, distante 3 a 4 km da vila de Graignes. Durante a fuga dos paraquedistas, em pequenos grupos, duplas e até individualmente, eles alcançaram um celeiro e lá se esconderam. Lá foram localizados pelas meninas Rigault, Odette e Marthe. Ao encontrarem os primeiros paraquedistas elas avisaram seu avô que, receoso das represálias dos alemães informou aos paraquedistas que não podiam ficar e os mandou partir. **Entretanto, as meninas os esconderam, à revelia do avô, no sótão do celeiro.** Ocorreu então que mais paraquedistas começaram a chegar e elas os colocaram também no sótão do celeiro. Quando o número de paraquedistas chegou a 21 escondidos no sótão, elas contaram a família, que então os manteve escondidos por alguns dias. Neste período eles foram alimentados diariamente com repolho cozido na manteiga. O momento mais dramático foi a chegada de tropas alemãs que caçavam os paraquedistas em fuga. Eles inspecionaram o celeiro, mas não abriram o sótão. Os paraquedistas lá permaneceram escondidos até o dia 15 de junho, quando usaram uma balsa para alcançar St Hilaire, uma pequena aldeia 300m ao sul de Carentan. Também utilizando um pequeno barco, um piloto de planador Ten Irwin Morales, conseguiu alcançar Carentan, alguns dias depois. Porém, o Sd Frank Juliano, após se evadir de Graignes permaneceu escondido num grande forno de uma fazenda na região de Graignes, até a completa retirada dos alemães da região, na metade de julho de 1944. Ele se mantinha escondido durante o dia e saía a noite, para se alimentar de repolhos que colhia nas hortas das fazendas nos arredores. Os habitantes da vila próxima pensavam que coelhos estavam destruindo suas plantações de repolho.

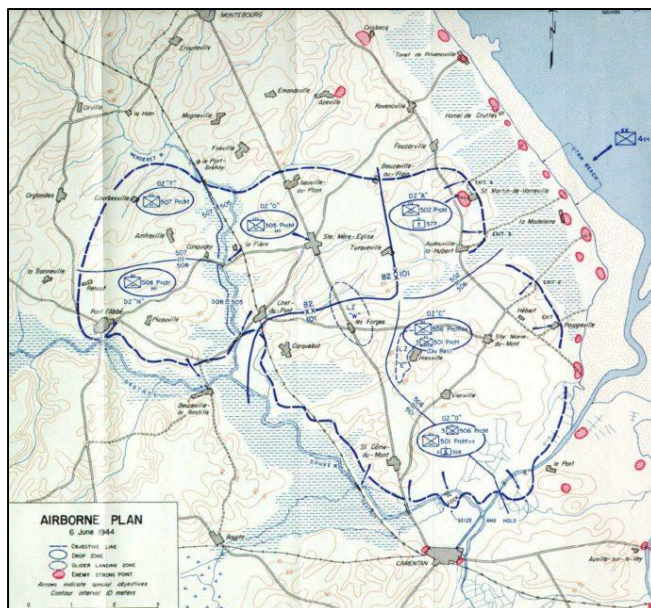
Conclusão

Os paraquedistas pousaram nos arredores de Graignes na madrugada do dia 06 de junho. Nesta mesma madrugada a 17ª Divisão Panzergrenadier recebeu ordem para se deslocar de Thouars para Carentan, onde deveria reforçar as tropas de Paraquedistas alemães (*Fallschirmjäger*) responsáveis pela defesa da região de Carentan. Devido a ação das Forças Aéreas aliadas, da Resistencia Francesa (*Maquis*) e os engarrafamentos nas estradas, seu deslocamento foi lento e chegaram à região de Graignes no dia 10 de junho, quando uma patrulha precursora do Regimento 37 foi emboscada e destruída por uma patrulha dos paraquedistas. No dia 11 de junho são realizados ataques a vila de Graignes pelo Batalhão do Leste (*OstBattalion*), não pertencente a 17ª Divisão Panzergrenadier, que é repelido com facilidade pelos paraquedistas. Segue-se ainda dois outros ataques à vila no dia 11 junho pelo Regimento 37, através do seu 1º Batalhão; o primeiro no início da tarde até o início noite é repelido, porém com baixas aos paraquedistas, que a muito custo mantém o perímetro de defesa. Além das baixas a munição se torna escassa. O 2º ataque, com o emprego de todo o efetivo do 1º Batalhão, é o 3º ataque do dia, começa no início da noite e adentra a madrugada do dia 12, rompe as defesas dos paraquedistas que se retiram da vila da forma que é possível e em diferentes direções. Enquanto os paraquedistas defendiam a Vila de Graignes no dia 12, a 101ª Divisão Aerotransportada norte americana, que combatia desde 6 de junho pela conquista de Carentan, conquista a cidade. No dia 13 de junho o primeiro grupo de paraquedistas que se retiraram de Graignes se reúne às tropas que defendiam Carentan de um contra-ataque alemão, pela 17ª Divisão Panzergrenadier, a mesma tropa retida pelos paraquedistas por 2 dias em Graignes, que não logrou êxito. Os alemães recuam para organizar nova linha de defesa mais ao sul.

Este desfecho demonstra que o sacrifício daqueles paraquedistas extraviados e que decidiram defender a Vila de Graignes, realizando uma ação retardadora não planejada,

foi significativa na conquista de Caretan, importante entroncamento rodoviário da região da Normandia e ligação com as demais praias da invasão do Dia D. Os registros oficiais da 17ª Divisão Panzergrenadier dão conta que as baixas do 37 Regimento nos dias 11 e 12 foram de 500 a 600 fuzileiros, equivalente à metade do efetivo de um Batalhão da SS padrão àquela época. Os Paraquedistas Perdidos da Normandia não cumpriram sua missão inicial, mas atribuíram-se outra missão sem o conhecimento da situação, que representou igual ou maior valor no contexto da Operação Overlord. Por outro lado, também demonstrou o importante papel da população civil na resistência aos nazistas e apoio aos paraquedistas. Este relato, de um episódio pouco conhecido, incita aos interessados pela história do Dia D, uma oportunidade mais para maiores pesquisas.

Abaixo estão mapas e fotografias relevantes para o episódio dos “Paraquedistas Perdidos da Normandia”, especialmente relacionados ao setor de Graignes, à dispersão das tropas aerotransportadas americanas no Dia D e aos combates subsequente



Abaixo, paraquedistas de da 82ª Divisão de Infantaria Paraquedista, com o Staff Sgt. (Sargenteante) Rene E. Rabe a direita, pai do autor do livro “The Lost Paratroopers Of Normandy”. A imagem de Staff Sgt. Rene E. Rabe possui relevância especial porque ele foi um dos soldados protegidos pela família Rigault em Graignes. (Cambridge University Press & Assessment).



Continua.....

Ao lado, foto da Igreja de Saint Michel Vila de Graignes após a batalha

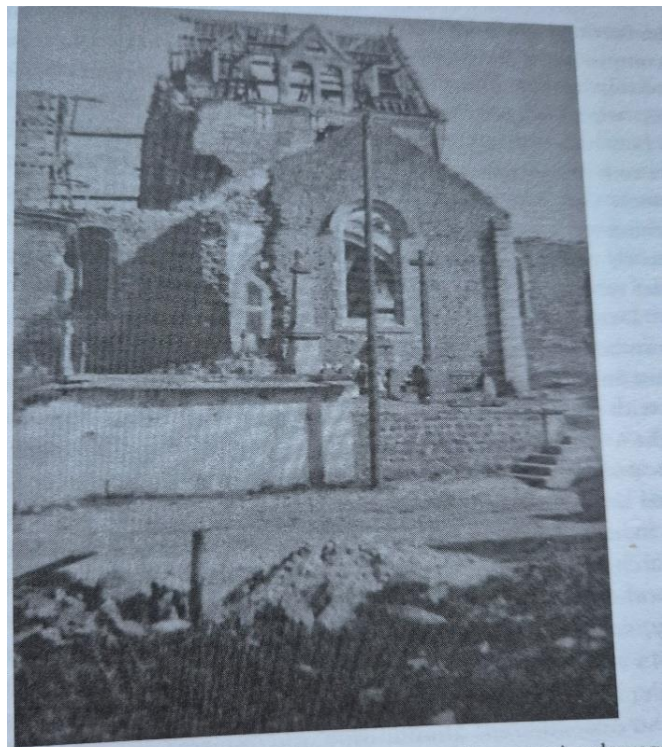


Figure 6.2 This photograph demonstrates the extensive damage German artillery bombardment inflicted on the twelfth-century Romanesque Catholic Church in Graignes. Photograph courtesy Mayor's Office of Graignes.

Abaixo, celeiro da Família Rigault onde 21 paraquedistas ficaram escondidos após a retirada de Graignes

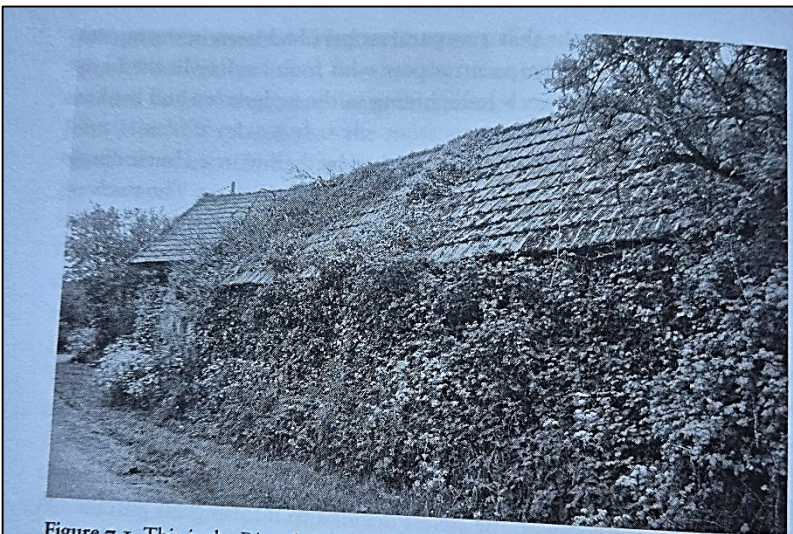
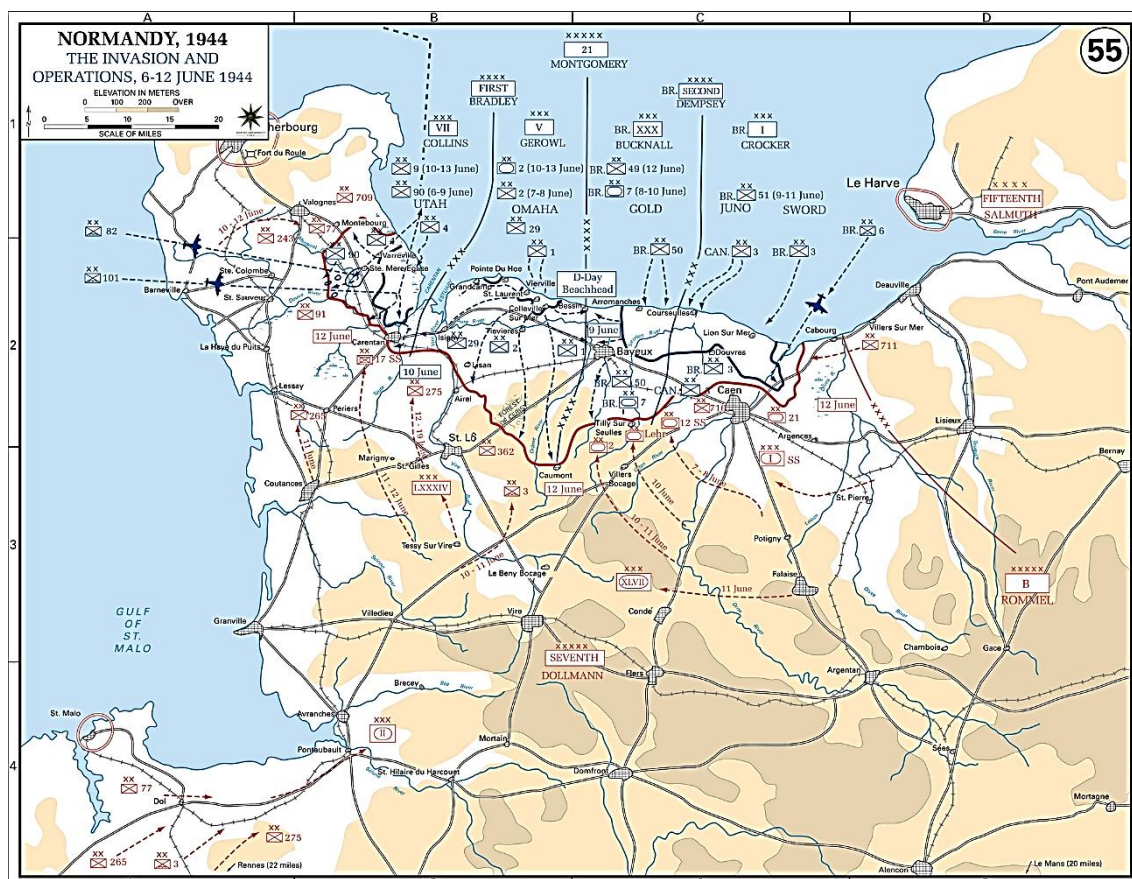
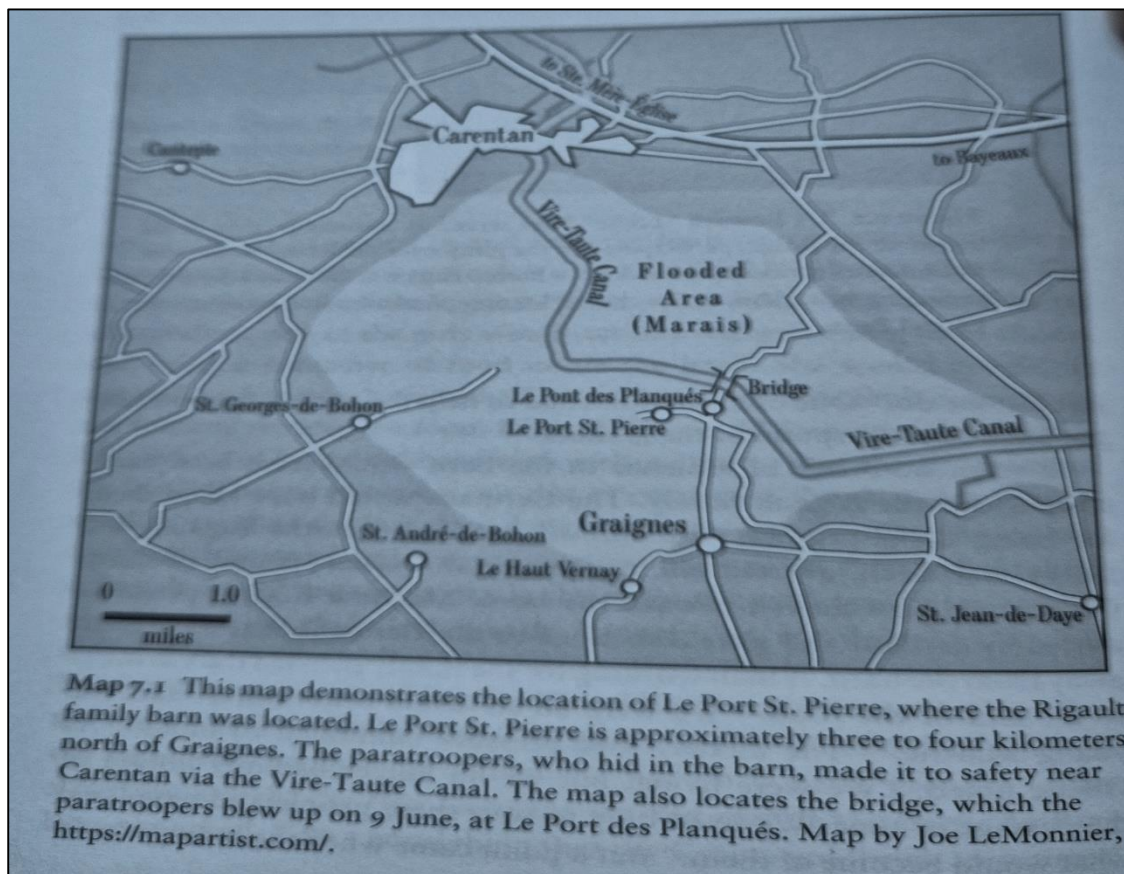
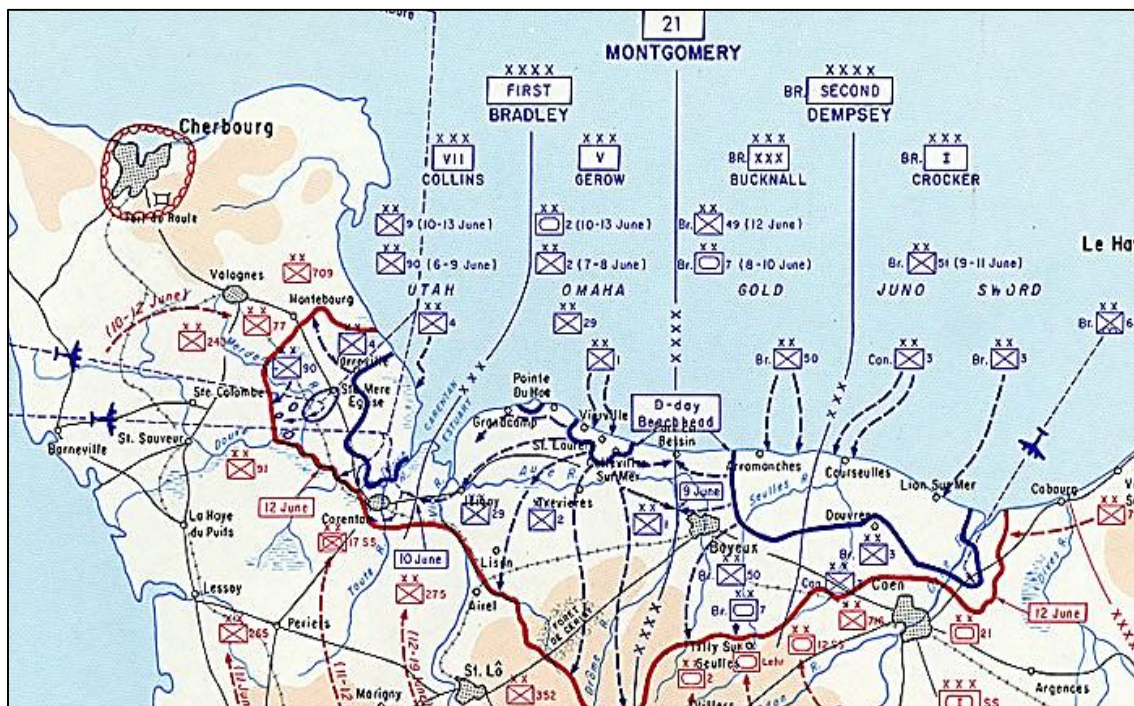


Figure 7.1 This is the Rigault family barn as it appeared in 2019. The barn was approximately fourteen feet wide and thirty-six feet in length. The loft had a clearance of five to six feet. Author's photograph.

Abaixo, mapa mostrando a localização da Vila de Graignes, da cidade de Carentan e a ponte destruída no combate pelos paraquedistas e a localização do celeiro da família Rigault.





Os mapas acima mostram:

- os marais (pântanos inundados);
- as estradas elevadas;
- os acessos para Carentan;
- a posição isolada de Graignes ao sul da península do Cotentin.

Essas áreas alagadas restringiam movimentos blindados alemães e canalizavam os ataques para poucas vias transitáveis.

Fontes de Consulta

Livro principal - *The Lost Paratroopers of Normandy* — Stephen G. Rabe, Cambridge University Press, 2022. **Referências complementares:** Cambridge University Press – apresentação oficial do livro - Capítulo “Liberators and Friends” - Capítulo “Escape, Exile, and Annihilation” - Introdução da obra.

Presidente

Júlio Cesar Hilzendeger

2º Ten R/2 Infantaria – CPOR/PA – 1975

Medalha Trilheiros da Pátria – LDN RS

Administrador, Executivo Regional de TI para America Latina e Africa, Professor Universitário, Consultor e Especialista em Gestão de Serviço e Governança de TI certificado pela ISACA, Empresário. Além do Português é fluente em Espanhol e Inglês.

Email: presidente@aor2rs.com.br

#####

O obuseiro na estante: o Exército escolheu, o governo não assina e a defesa segue precaríssima

Vencedor de licitação bilionária do Exército, o obuseiro autopropulsado da Elbit Systems segue sem contrato assinado. A Ares, subsidiária brasileira da empresa israelense, exhibe uma maquete do sistema em suas instalações. Do lado de fora, o mundo está em guerra e o alto comando brasileiro reconhece: o país não tem defesa compatível com o que seria necessário

*LRCA

Defense

Consulting

-

06/06/2026

Nas instalações da Ares Aeroespacial e Defesa, no Rio de Janeiro, uma maquete do obuseiro ATMOS ocupa um lugar de destaque. O detalhe resume bem a situação do programa: a subsidiária brasileira da Elbit Systems está pronta para cumprir sua parte, os contratos de suporte logístico e transferência de tecnologia já foram desenhados, a licitação foi concluída, o Exército escolheu o vencedor. Falta apenas a assinatura.

Mais de dois anos após o início do processo formal de seleção e mais de um ano após a declaração de vencedor, o Exército Brasileiro ainda não contratou os 36 obuseiros autopropulsados de 155 mm sobre rodas (VBCOAP 155 mm SR) que o Programa Estratégico Forças Blindadas aguarda desde os primeiros estudos, iniciados em 2017. O motivo não é técnico. Não é jurídico. É político.

Um vencedor sem contrato

Em 29 de abril de 2024, o Comando Logístico do Exército (COLOG) divulgou o resultado do processo licitatório internacional RFP/RFT COLOG nº 01/2023, aberto em agosto de 2023. A vencedora foi a Elbit Systems Land Ltd, com o ATMOS 155 mm/52 calibres montado em chassi Tatra T-815 6×6. A empresa israelense superou três concorrentes: a tcheca Excalibur International (com o Zuzana 2, em segundo lugar), a francesa KNDS (CAESAR, em terceiro) e a chinesa Norinco (SH-15, em quarto). O sistema israelense atendeu a todos os requisitos absolutos estabelecidos pelo Exército e foi avaliado em quatro dimensões: técnica, comercial, suporte logístico integrado e offset. A cerimônia de assinatura do contrato inicial, que previa a entrega de um lote de amostra com dois exemplares, estava marcada para 7 de maio de 2024.

Não ocorreu. O Exército suspendeu o ato por 60 dias, alegando necessidade de revisão jurídica. Nos bastidores, a razão era outra: o conflito em Gaza e a resistência política de parte do governo Lula à formalização de um contrato bilionário com empresa israelense.

O presidente Lula, pressionado por parlamentares do PT, PDT, PSOL e PCdoB pela anulação de todos os contratos de defesa com Israel, acabou dando aval à compra. O argumento do Exército era objetivo: o ATMOS era a melhor proposta técnica e a mais vantajosa para o país em razão da transferência de tecnologia e da criação de empregos. Mas o contrato continuou suspenso. Em outubro de 2024, o ministro da Defesa, José Múcio, foi explícito ao admitir publicamente que o programa estava parado por questões ideológicas, citando a influência do assessor especial Celso Amorim.

Em dezembro de 2024, o Tribunal de Contas da União (TCU) rejeitou a medida cautelar interposta pela KNDS, que pedia a reavaliação do resultado. A decisão do TCU eliminou o último obstáculo formal. Mesmo assim, no início de 2026, o status do programa era descrito por analistas setoriais como o de um "adiamento não anunciado", sem data para assinatura do contrato.

A ToT que está na mesa

A proposta da Elbit Systems não era apenas a venda de 36 viaturas. Incluía um conjunto estruturado de contrapartidas industriais que, se concretizadas, posicionariam o Brasil como fornecedor global de munições de 155 mm. São três frentes principais.

A primeira envolve a Indústria Brasileira de Material Bélico (IMBEL). A Elbit assinou um memorando de entendimento com a IMBEL para investimentos na Fábrica de Juiz de Fora, com o objetivo de

ampliar a capacidade de produção de granadas e cargas de 155 mm e habilitar a fabricação de modelos mais modernos. Hoje, a IMBEL produz apenas a granada M107 de alto explosivo, modelo básico e sem certificação Otan, o que limita severamente seu potencial de exportação.

A segunda frente envolve a empresa brasileira CSD (Componentes e Sistemas de Defesa). A intenção declarada pela Elbit é transformar a CSD na principal fornecedora de munições para todos os sistemas ATMOS e SOLTAN em operação no mundo, incluindo munições de alcance estendido e guiadas. O projeto destacaria o Brasil como exportador de munições de artilharia de alta tecnologia para o mercado internacional.

A terceira frente é a montagem nacional. A proposta negociada com o Ministério da Defesa previa que 34 dos 36 obuseiros seriam integrados e montados no Brasil, utilizando as competências da AEL Sistemas (Porto Alegre) e da Ares Aeroespacial e Defesa (Rio de Janeiro), ambas subsidiárias brasileiras da Elbit. Os dois primeiros exemplares, do lote de amostra, seriam produzidos integralmente em Israel e enviados para avaliações técnica e operacional no Centro de Avaliações do Exército (CAEx).

O diretor comercial da Ares, Frederico Medella, confirmou que a empresa "possui vasta experiência na execução de contratos de suporte logístico e ToT com o Exército Brasileiro". A Ares tem histórico comprovado nessa modalidade, incluindo o contrato de US\$ 100 milhões firmado em 2017 para o fornecimento de estações de armas remotamente controladas às Forças Armadas.

O *offset* formal, avaliado como critério classificatório na licitação, contemplava ainda o desenvolvimento de um simulador de treinamento de baixo custo, aproveitando a experiência da Ares na área. Somados, os elementos da proposta configuravam uma das transferências de tecnologia mais abrangentes já oferecidas ao Exército Brasileiro em um programa de artilharia.

"Nós não temos defesa"

O impasse em torno do ATMOS ocorre em paralelo a um debate cada vez mais urgente sobre a capacidade de defesa do Brasil. No último dia do Simpósio de Sistemas Não Tripulados da Força Terrestre (SSNTFT 2026), realizado em Brasília em 27 de maio de 2026, o comandante do Exército, general Tomás Paiva, fez uma declaração que rompeu com décadas de discurso oficial. "No passado, não tínhamos nenhuma ameaça na América do Sul. Hoje temos uma percepção de ameaça, incluindo nossa atuação constitucional e legal de auxiliar os Poderes da República na faixa de fronteira, que é uma preocupação enorme, muito vasta. Temos que estar olhando para ela", afirmou.

A declaração, feita diante do Alto Comando e de representantes da Base Industrial de Defesa (BID), reconhece oficialmente uma mudança estratégica no entorno regional. O general não especificou as fontes da ameaça, mas o contexto é conhecido: a crise venezuelana, a disputa por Essequibo, a presença crescente de crime organizado transnacional na faixa de fronteira e a instabilidade política em países vizinhos.

Poucos dias antes, em encontro reservado com representantes da BID em Brasília, o ministro da Defesa, José Múcio, havia feito um diagnóstico ainda mais contundente. "A Defesa é precaríssima. A Defesa brasileira é incompatível com o tamanho e as potencialidades do Brasil. Nós não temos defesa. Muita gente pensa que nós temos como nos defender; nós não temos", declarou o ministro, segundo reportagem publicada pelo jornal O Estado de S. Paulo. Múcio citou como exemplo a mobilização militar realizada quando a Venezuela ameaçou avançar sobre a região de Essequibo, território disputado com a Guiana, e reforçou a necessidade de elevar os investimentos em Defesa para pelo menos 2% do PIB, contra pouco mais de 1% hoje.

O mesmo ministro que reconhece publicamente a fragilidade da defesa brasileira é o responsável por viabilizar, no plano político, a assinatura do contrato do ATMOS. A contradição não passou despercebida no setor.

Um mundo armado, um calendário que escapa

O contexto internacional que cerca o impasse é o mais desfavorável possível para o adiamento de decisões de defesa. A guerra na Ucrânia demonstrou que o apoio de fogo de artilharia continua sendo o eixo central do combate terrestre de alta intensidade e que a autonomia industrial em munições é condição de sobrevivência operacional. O conflito no Oriente Médio, a tensão entre Estados Unidos e Irã e o rearmamento acelerado de potências médias e grandes reforçam a percepção, expressa pelo próprio ministro Múcio, de que "todo mundo está armado".

O ATMOS, ironicamente, é um produto com histórico de combate exatamente nessas regiões. Utilizado em operações no Oriente Médio, o sistema acumula registros operacionais que orientaram parte dos requisitos técnicos fixados pelo Exército Brasileiro. A escolha pelo chassi Tatra T-815 6×6, o mesmo utilizado pelo sistema de foguetes ASTROS II MK nas versões mais recentes, foi um elemento adicional de padronização logística que pesou na avaliação.

O cronograma original previa a entrega dos dois exemplares do lote de amostra no segundo trimestre de 2025, a partir da assinatura do contrato inicial ainda em 2024. Aprovados os exemplares, o COLOG assinaria o contrato principal para as 34 unidades restantes, com entregas anuais até 2034. Cada mês de atraso comprime esse horizonte e encarece o programa.

Do lado da Ares, a maquete na parede continua esperando. A subsidiária brasileira da Elbit é o elo local de uma cadeia que, para ganhar vida, depende de uma decisão que está menos no plano técnico do que no plano da vontade política.

O que está em jogo além do obuseiro

O atraso no ATMOS não é um caso isolado. Insere-se num padrão mais amplo de programas estratégicos do Exército que dependem de importação e que encontram resistências de diferentes origens. O contingenciamento de R\$ 4,363 bilhões no orçamento do Ministério da Defesa, o maior corte nominal entre os ministérios no exercício de 2025, colocou em risco simultâneo o submarino de propulsão nuclear Álvaro Alberto, as fragatas Classe Tamandaré, os caças Gripen NG da FAB, as aeronaves KC-390 e os programas de sistemas terrestres.

No setor de munições, o quadro é sintomático: em janeiro de 2025, o Exército Brasileiro emitiu, por meio de sua comissão em Washington, um pedido de informações (RFI-0159/2025) para a aquisição de munições de 105 mm e 155 mm no exterior. O país que quer ser exportador de granadas de alcance estendido ainda busca no mercado internacional as munições básicas para operar seus obuseiros existentes. Para a BID brasileira, a equação é conhecida: sem contratos, não há escala; sem escala, não há transferência de tecnologia que se sustente. A ToT prevista no contrato do ATMOS, que incluiria a modernização da IMBEL e a transformação da CSD em fornecedora global, só se materializa se o contrato existir. Enquanto a maquete fica na parede da Ares, o potencial industrial associado ao programa permanece no papel.

Por LRCA Defense Consulting, junho 06, 2026

IMAGEM A SEGUIR



Obuseiro israelense ATMOS 2000 - vencedor da licitação do Exército Brasileiro

***"CAXIISMO NÃO É CONJUNTO DE VIRTUDES APENAS MILITARES, MAS DE VIRTUDES CÍVICAS,
COMUNS A MILITARES E CIVIS.
OS 'CAXIAS' DEVEM SER TANTO PAISANOS COMO MILITARES.
O CAXIISMO DEVERIA SER APRENDIDO TANTO NAS ESCOLAS CIVIS QUANTO NAS MILITARES.
É O BRASIL INTEIRO QUE PRECISA DELE".***

Gilberto Freyre.

**Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano,
Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);
Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;
Site do Núcleo de Estudos Estratégicos do CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;
Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de
Guararapes: <http://historiapatriota.blogspot.com>**

**“A história é absolutamente fundamental para um povo.
Quem não sabe de onde vem, não sabe para onde vai”.
Dom Bertrand de Orleans e Bragança**